

FANTASMA DA SEDE...

(Conclusão da última página)

bica colhemos água à vontade.

CAMINHADA NA MATA.

Caminhar na mata não é coisa tão fácil como pode parecer à primeira vista.

Não é apenas trocar passos, desviar o mata e ir avançando. Não nos referimos, e claro, as andanças curtas em mata limpa. Passeios de caçador. Fazemos de entradas longas de dias e dias, de carga as costas. O mata aí fica traçoireiro. Forja ele mil armadilhas como que a cobrar na roupa e na carne do caminhante o atrevimento de querer desvassá-lo, de querer conhecê-lo lá bem dentro, na intimidade.

O próprio índio paga, às vezes, com grandes sacrifícios essa intromissão. Conhecemos índios com os olhos vasados por pontas de pau, quase sempre secas.

Avançar, não em trilhas já feitas, e sim num rumo certo em mata bruta, é coisa cansativa. A todo o instante o passo é tolhido por um cipó que enlaça o pé ou um buraco disfarçado por um folhinho. Galhinhos fininhos ficam de longe, parece que alteando e baixando, para que não falhe o golpe em um olho. A estocada é certa, mas a alpebra ligeira ampara o golpe. Cipós de espinhos se comprazem em deixar passar o caminhante para depois puxá-lo pela carne ou pela roupa.

Enquanto isso, laçadas bem feitas, caprichosamente dispostas, pelam o passante. Não se há de enervar e num aranco violento arrebentá-lo. O cipó, se é fino não resiste, mas é que adiante outros e outros estão à espera, e nessa luta não são eles que saem perdendo. Companheiros seus lá estão para segurar-nos pelo pescoco, pelo meio do corpo, pelo embornal ou pela carga. Varas dispostas em alturas estratégicas tiram-nos o gorro ou chapéu e jogam-no ao chão. E como se isso não bastasse, raízes se ocultam nas fôlhas para prender-nos o pé e, se caímos, não faltam nunca pontinhas agudas à espera do saque.

Na mata é andar, mas sem um ela luar. E' ir-se desencilhando dos cipós, dos espinhos das raízes das pontas ruçadas dos buracos disfarçados e de muita coisa mais, esmo assim, dezenas, centenas nos pegarão e, quando isso acontece não adianta praguejar, que só aumentará o cansaço.

CHEGAM OS AVIÕES

foi no oitavo dia da nossa viagem da beira do rio, que chegamos nos campos. O lugar de uma pista para aviões pequenos, lá estava mal assinalado no terreno. Sua abertura tinha sido iniciada por nós há já alguns anos, mas, felizmente, não pôde ser terminada naquela ocasião que os índios, ali em grande número, se desentenderam e iniciaram uma luta árdua.

Antes de mais nada queríamos ver a água. Tocamos, então, para uma matinha de água que corta o descampado. Encontramos água bastante, mas parada. Parada, escura e meio limposa. Para nós, aquilo era água cristalina.

No mesmo dia voltamos ao campinho para iniciar a limpeza, pois havíamos prometido ao campo para avião pequeno para dali a dois dias. Não podíamos perder tempo, o prazo era curto. Distribuímos o pessoal; Patacu na cozinha, Kremúru e Carandine improvisando um rancho coberto com fôlhas de bananeira, enquanto nós, de facão, enxada, machado e machado, iniciávamos o campo.

No dia combinado, logo cedo, ateamos fogo numa clareira bem feita e, de tempos em tempos, jogávamos sobre ele galhos e fôlhas verdes, provocando um imenso rôlo de fumo. Sem isso o avião não encontraria o local. Por volta das 9 horas começamos a ouvir o motor. Fôlhas verdes em quantidade fizeram uma fumaça espessa e abundante. Poucos minutos depois avistamos os aviões que se aproximavam. A base Xantina havia mandado os dois: o Cesna grande e o pequeno. O grande desceu primeiro. O piloto era Francisco Milhomem. No segundo, apaixonado, estavam José Genaro Gomes de Oliveira e Mikey, mecânico e o mais novo piloto da Fundação. O 4.º aviador, o mais antigo, Olavo Siqueira Cavalcanti, agora acumulando as funções de piloto e chefe da Base, ficou para vir na outra viagem.

OS BANDEIRANTES DOS ARES

A Fundação Brasil Central tem tido muita sorte com pilotos. Peritos, corajosos e espertos têm eles enfeitado vôos longos e arriscados.

Não sabemos se já existe o "dia do piloto civil", mas lembramos, para quando ele instituído, se é que existe, homenagear nesse dia — o piloto civil do interior. Do interior distante, interior, sertão. Do interior de os campos são de terra tida e, às vezes, improvisados. Onde a terra cruzada deserta, coberta de mata, eia de serras e grotões, sem escadas de alternativa. E ir e chegar. Não há recursos, em meio de rota.

O serviço que essa gente esta ao país, ligando pontos distantes antes isolados e esquecidos, só o reconhecimento de compensar. O avião esse mundo do nosso interior chegou e está chegando tes de tudo: vem chegando o carro de boi e com as pás de araqueiro. Quantas vezes não vemos, nessa rota, em um campo improvisado, "encaixar" o seu motor para socorrer alguém. Com ele ou vem médico ou sai o doente.

Vestes longos anos de experiências, nos habituamos a los destemidos, prontos, cendo, subindo, cruzando

distâncias enormes.

Haverá isto em outro país? Com os pilotos combinamos uma nova vinda para daí alguns dias, 12 no mínimo, pois pretendíamos tocar mais para a frente para procurar melhores e maiores descampados para Sudoeste. Quanto mais caminhássemos para esse rumo, mais perto ficaríamos do centro geográfico que havíamos plantado nas matas do Jarina.

Mai partiram os aviões, saímos rumando para aquela direção.

O SERTANEJO TRISTE

Chegamos, depois de mais três dias de caminhada, aos limites das serras; para cá eram os campos, para lá a mata, bruta e espessa. Não foi perdido o nosso trabalho. Deixamos no roteiro dois campos escolhidos, sendo que um deles já demarcado.

A abertura de um campo e instalação de uma base nesse local constarão, se aprovado pela Presidência da Fundação Brasil Central, do nosso programa de trabalho para os primeiros meses do ano. O trabalho ali precisa ser executado com muito cuidado, pois a região é batida por índios ainda desconhecidos e que são chamados pelos Txukarramãe de "Cren-acarore".

No sexto dia estávamos de volta ao campinho onde havíamos deixado alguns dos companheiros de viagem. Logo no dia seguinte ao da nossa chegada fomos fazer um repasse no campo e aumentá-lo um pouco, pois o Cesna grande saíra meio apertado da última feita. Chico (Francisco Milhomem) fora muito firme e perito na decolagem.

No dia marcado chegou o "monomotor". Bruno Romualdo, funcionário do escritório Central no Rio, veio acompanhando o piloto. O trabalhador Clemente, de todos nós, era o que mais vinha sentindo a viagem. Amarelo, triste, andava embolado na rede mais desanimado do que doente. O sertanejo gosta de estar no meio de companheiros contando "causos" e lembrando fatos. Isolado, de finha, entristece e é capaz de morrer de nostalgia.

Empurramos no avião o amarelo Clemente. No mesmo dia aprestamo-nos para regressar à beira do rio. Ajeitamos as cargas, Sérgio completou os amarrilhos das alpercatas e saímos.

O SUMIÇO DO ALEMÃO

O único que ficava lá naquelas lonjuras, para sempre desaparecido, havia de ser o pretinho, cachorro pequeno, meio "bassée". Pretinho tinha uma história. História movimentada e cheia de viagens. Pretinho era alemão. Pertinho virou Pretinho aqui neste país de bugres. Lá ele era Zuppel — com 2 "p". Pretinho tocado por Hitler, antes do fim da guerra, foi com a sua dona se refugiar em Paris. Lá sua tutora casou-se com um etnólogo que acabou dando com os costados na ilha do Bananal, entre os índios Karajá. Por coincidência, passávamos pela ilha no dia em que o casal e tutelado, levantavam acampamento com destino ao Rio. Combinamos com o piloto, em golpe não muito recente, que informasse aos passageiros não ser permitido transporte de animais. Isto feito na hora do embarque, não poderia falhar, como não falhou. A dona não tinha outra saída senão doar o tutelado e foi o que aconteceu, não sem antes, ter havido uma rápida cena de choro. Foi isto por volta de 52. Zuppel, no Xingu, passou a ser Pretinho. Valente apesar do tamanho não levava ronco alheio para casa. Meteu-se por isso em tremendas porfias, saindo de uma delas com um olho vasado.

Não foi bastante para arre-fecer seu gênio-brigão. A medida que envelhecia, mais enfizado e neurastênico foi ficando.

Pretinho ficou no "capoto". Não morreu como qualquer cachorro. Sumiu. Índios? Onças? Não sabemos. Suiu e não voltou. Pretinho, talvez, enjoadado de todos e de tudo, resolveu devassar as serras azuis dos horizontes, as campinas, as grotas, sem parar, sem dar ouvido aos tiros de chamada. Foi para sempre.

A VOLTA

Com cinco dias de caminhada cansativa chegamos ao rio. Nossa intenção era dormir um dia todo, mas e os piuns? Piuns de dia, "muriçocas" (pernilongos) à noite, onde o sossêgo? Carregamos os barcos e tocamos de volta. Antes despedimos, bem carregados de presentes, Kremúru e Cobre. Para enganar as muriçocas saímos de noite. Noite de um céu azul, cheio de estrelas e com uma Lua grande e redonda, prateando as águas do Xingu.

Os Jurunas estavam bem. Ainda restava para completar o nosso programa, uma visita aos índios Caiabís. Despedimos-nos dos Jurunas e subimos o Rio Maritsauá. Ficamos emocionados diante das rochas imensas dos Caiabís! Plantios diversos, tudo bem feito, bem plantado. Os mesmos Caiabís expulsos do S. Manoel pelos exploradores da seringa. Na segunda aldeia fomos recebidos pelo velho Vaifoá, uma das mais belas figuras que temos visto entre índios.

Passamos uma semana com esses índios. Nosso regresso a Capitão Vasconcelos já estava tardando. Há 4 meses que estávamos viajando. No caminho, em uma praia grande, assistimos a um dos mais belos espetáculos que pode alguém ter a sorte de ver numa região como esta. De longe vínhamos observando a mancha preta imensa, numa praia. Parecia-nos que a mancha tinha movimentos ondulatórios. Fomos nos aproximando e só quando bem perto notamos que eram pas-

sarinhos. Eram andorinhas. A quantidade era tal e tão em segurança estavam que, para espantá-las, para uma fotografia, tivemos que fazer uma pessoa sair correndo e entrar no meio delas. Assim mesmo não fugiram. Foi necessário que jogássemos areia. O que vimos, então, foi o levantar de uma nuvem espessa densa e barulhenta.

O Posto Capitão Vasconcelos foi atingido alguns dias depois. Vimos tomadas chuvas violentas e, no dia anterior à nossa chegada, um temporal quase nos pôs ao fundo.

Uma notícia nos aguardava em Vasconcelos, os índios Txikão haviam andado por perto e de passagem pela aldeia Aueti tocaram fogo nas casas.